

A VIDA DE JESUS COMO CUMPRIMENTO DA VOCAÇÃO PRÁTICA DA JUSTIÇA

SARAIVA, Walter – RU: 2475271¹

RESUMO

Esta pesquisa trata sobre a vida e a missão de Jesus Cristo como cumprimento da vocação prática da justiça. Somente a verdadeira justiça pode levar o ser humano a encontrar a verdadeira felicidade. O pecado e a injustiça sempre foram a fonte e origem das situações de sofrimento e morte. Deus no princípio promete enviar um Salvador para restabelecer a graça perdida por ocasião do pecado. Toda a história da salvação, desde a aliança com Abraão e Moisés, passando pelos profetas, aponta para a vinda do Messias e preparam o povo para sua chegada. Jesus Cristo, Verbo Encarnado do Pai, em sua vida e missão realiza plenamente o projeto do Pai pela prática da verdadeira justiça, indo às últimas consequências de uma condenação à morte na cruz, para que a humanidade toda fosse redimida. Utiliza-se do método bibliográfico qualitativo como instrumento de investigação para aprofundar estes elementos. Entretanto, amar a Deus e ao próximo como o próprio Jesus Cristo amou é o cumprimento prático de toda a justiça.

Palavras-chave: Jesus Cristo; Justiça; Vocação; Reino;

1. INTRODUÇÃO

Desde o princípio, tendo se afastado de Deus pelo pecado, o ser humano busca reconstruir sua história através do relacionamento com o outro e com o próprio Deus visando encontrar uma vida de plena felicidade. Este é também o sonho de Deus para a humanidade. No entanto, o desejo do ter, do poder e do prazer, fonte e origem de todo mal que assola a humanidade, leva o ser humano a agir de forma individualista, egoísta e até violenta, afastando-o de Deus que é fonte e origem de vida e felicidade. A prática constante de injustiças visando satisfazer seus anseios e desejo tem levado a humanidade tanto individualmente como coletivamente a mergulhar em situações de desigualdade e sofrimento. Deus em sua infinita misericórdia continua a chamar o ser humano ao seu convívio. O retorno a Deus se dá através do abandono do pecado e das práticas de injustiça e a adesão a uma vida de verdadeira justiça. Deus tem um projeto de vida e felicidade para o ser humano e o cumprimento do mesmo se dá em plenitude na pessoa de Jesus Cristo. Ele é Deus mesmo que se abaixa e vem ao encontro do ser humano para restabelecer o diálogo e a unidade perdida por conta da desobediência do pecado.

¹ Aluno do curso de Bacharelado em Teologia: Doutrina Católica do Centro Universitário Internacional UNINTER. Trabalho de Conclusão de Curso.

“Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho” (Hb1,1). Na aliança com Abraão, Deus escolhe um povo para ser sinal de seu amor e de sua presença, através da fidelidade e da prática da justiça. Abraão aceita a proposta de Deus e por conta de sua fé se torna pai de todos os crentes conforme promessa do próprio Deus. Seus descendentes praticam a injustiça e a iniquidade e por conta de seus erros acabam por perder a liberdade tornando-se escravos no Egito. Conforme a Bíblia, Deus vê o sofrimento do povo causado por tantas injustiças e através de Moisés liberta-os, dando-lhes a oportunidade de um novo recomeço num retorno à terra prometida (cf. Ex 3,7-22). Durante a passagem pelo deserto, Deus faz uma aliança com o Povo, estabelecendo o decálogo como referência no modo de ser, viver e agir ao se relacionar com Deus e com o outro. O decálogo é o caminho de fidelidade para a prática da verdadeira justiça (cf. Ex 20,1-21). Ao longo da vida e do caminho, o Povo de Deus por diversas vezes se afasta do projeto de vida pela prática de inúmeras injustiças. Os profetas apontam os erros do povo bem como as consequências de tais erros. A prática da injustiça é a origem do sofrimento e dos castigos (cf. Jr 1,14-16), por isso o povo é sempre chamado à conversão e ao retorno ao Deus da justiça. João Batista, o último dos profetas, prega um batismo de conversão, mais aponta para a vinda de Jesus como sendo aquele que realizará a plena justiça através de sua vida e missão (cf. Mc 1,1-8). O objetivo de nossa pesquisa é demonstrar através das Sagradas Escrituras e também de outras fontes, que a felicidade do ser humano só pode ser plenamente alcançada pela prática da verdadeira justiça e que essa prática se realiza plenamente através da vida e missão de Jesus Cristo. Deus assume a nossa humanidade na pessoa de Jesus Cristo para nos mostrar o caminho de retorno à vida plena. “Pois de sua plenitude todos nós recebemos graça por graça. Porque a lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.” (Jo 1,16-17). Desde o pecado dos primeiros pais (Adão e Eva), Deus prometeu enviar um Salvador para religar os laços quebrados com o ser humano. As alianças com Abraão, com o povo escolhido através de Moisés, a vida e a missão dos profetas e toda a história da salvação, apontam e preparam a vinda deste salvador que é Jesus Cristo. É um anúncio de que ele vem para realizar a plena justiça e estabelecer o Reino de Deus. Nascido na pobreza da manjedoura de Belém (cf. Lc2,1-7), manifestou-se primeiro aos pobres, marginalizados e humildes, como o Salvador esperado para a realização do projeto

de justiça e felicidade do Pai (cf. Lc 2,8-20). Percorrendo os Evangelhos, verificamos que Jesus Cristo realiza a plena justiça através de sua vida e missão, na opção preferencial pelos pobres e marginalizados, na denúncia das injustiças e todo tipo de alienação, discriminação e morte, no anúncio do Reino de Deus que é vida em plenitude para todos, pautado na prática da verdadeira justiça (cf. Mt 11,2-6). Para participar deste novo Reino, o ser humano deve moldar a sua própria vida a vida de Jesus Cristo (cf. Ef 1,3-14). Ele é a nossa paz. Do que era dividido fez uma unidade, caminho para a felicidade e a vida plena.

2. A VIDA DE JESUS COMO CUMPRIMENTO DA VOCAÇÃO PRÁTICA DA JUSTIÇA

2.1 O POVO DE ISRAEL ELEITO PARA A JUSTIÇA

Embora a eleição de Israel como Povo de Deus, com o compromisso de realizar a justiça plena de vida e felicidade para o ser humano, tenha acontecido efetivamente na aliança do Sinai, essa escolha e eleição já se inicia na aliança de Deus com Abraão. Aqui já podemos ver a promessa do Senhor em fazer da descendência de Abraão uma grande nação destinada a realizar o projeto de Deus.

lahweh disse a Abrão: "Sai de tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome: sê uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Por ti serão benditos todos os clãs da terra." (Gn 12,1-3).

A promessa de ser pai de um grande povo implica também na fidelidade de Abrão em andar na presença de Deus. Ser a prática da própria justiça de Deus em sua vida e suas ações (cf. Gn 17,1-7). A promessa de um grande povo vai sendo autenticada pelo Senhor, através do tempo e da história, aos descendentes de Abraão. Deus reforça suas promessas de fidelidade ao Povo por ele escolhido, garante-lhes seu cuidado e sua presença constante onde quer que o povo vá. Quanto ao povo, deverá caminhar na fidelidade a Deus realizando seu projeto de justiça e vida plena para todos (cf. Gn 46,1-7). Na promessa de Deus feita a Abraão, é visto o projeto de vida e felicidade sonhado pelo próprio Deus desde o princípio. A esse projeto o homem é chamado a aderir livremente. A adesão implica em saída, desalojar-se do comodismo e se colocar a caminho. A proposta de Deus o homem

responde com o assentimento da fé. Abraão é o primeiro exemplo de que a resposta de fé ao chamado de Deus implica em compromisso e trabalho para a realização da verdadeira justiça.

Nas Sagradas Escrituras, o conceito de justiça está intimamente ligado à vontade de Deus e na realização autêntica de seu projeto na vida e nos atos do homem, tanto no que tange as suas relações com as outras pessoas como com toda a natureza criada (cf. Rm 1,17). A justiça de Deus vai para além das normas e leis, mais abrange toda a dimensão dos relacionamentos humanos. Assim, o homem justo é aquele que se comporta retamente em seu relacionamento com Deus, na fidelidade à aliança, na promoção do bem comum, na construção da paz (cf. PELINSKI, 2021, pp. 104-106). Deus é o Justo por excelência, pois sua justiça redime e salva (cf. Jo 8,1-11). No conceito bíblico, as injustiças destroem a conduta de quem as pratica e deforma sua identidade, pois o que nos identifica como pessoa humana em nossa verdadeira origem é sermos imagem e semelhança de Deus. Se Deus é justo, então praticar injustiça é manchar em nós, a imagem do próprio Deus (cf. Gn 1,26-28). Por isso mesmo, Jesus Cristo é Redentor e Salvador, pois sua vida se pauta pela prática da verdadeira justiça. É redentor, pois por sua fidelidade ao projeto do Pai deu sua própria vida como resgate da vida de toda a humanidade, libertando-nos da escravidão à qual as nossas injustiças nos levaram. Salvador porque nos salva dos castigos de nossos erros e nos permite voltar a praticar a verdadeira justiça. Tendo o homem, se afastado de Deus pela quebra da fidelidade à Aliança, Deus em seu infinito amor vai continuar propondo o retorno ao seu convívio. Tal retorno só se dará quando o homem voltar a caminhar na presença de Deus pela prática da verdadeira justiça, reconhecendo-o como seu único e verdadeiro Deus (cf. Dt 6,4-6). Israel é o Povo escolhido por Deus, para ser esse sinal de realização da sua justiça. Realiza, então, com o Povo escolhido, uma aliança. O Povo deverá caminhar em sua presença e guardar seus mandamentos, sendo assim para Deus, o Povo escolhido, libertado das amarras da escravidão, uma nação santa (cf. Ex 19, 3-6). Deus, por sua vez, será o Deus libertador que conduzirá o povo através da história, libertando-o dos sofrimentos e realizando sua justiça (cf. Ex 3,7-12).

O livro do Êxodo conta que, no Egito, os hebreus cresceram em quantidade, deixando o faraó preocupado com uma possível organização rebelde. Com isso, passaram de convidados de honra – pelo parentesco com José – a trabalhadores forçados, que deveriam construir grandes cidades-armazém para o faraó. Deus escutou o clamor de seu povo e levantou um libertador, ironicamente criado na casa do faraó: Moisés. Ele foi o responsável pela

libertação do povo e pela direção no deserto. Por fim, Josué, sucessor de Moisés, guiou os israelitas para o retorno triunfal a Canaã, estabelecendo-os no território, dividido entre as doze tribos. (CATENASSI, 2018, pp. 94-95)

A Aliança é a confirmação de que Deus está sempre junto de seu povo na caminhada, vê seus sofrimentos e necessidades e age para que a justiça volte a reinar. Deus é sempre justo e sua justiça quer atingir a todos, para que tenham vida em plenitude (cf. Ex 17,5-6). Diante das dores e necessidades do povo, sua sensibilidade e seu amor vão levá-lo a intervir para que o bem e a vida prevaleçam. A justiça e a liberdade, porém, devem sempre contar com a atitude e participação do povo, que em resposta à ação de Deus são chamados a lutar e trabalhar a fim de que o bem e a justiça aconteçam (cf. Dt 6,17-19). Deus é fonte e origem desse projeto de vida, justiça e felicidade, mais quer sempre contar com o ser humano para realizá-lo através de um sim confiante e comprometido. A fidelidade do Povo à aliança com Deus é a garantia de vida plena e da prática da verdadeira justiça. O rompimento da aliança pela prática de injustiças tantas vezes testemunhada ao longo da caminhada do povo, leva ao sofrimento, a escravidão e às diversas situações de morte (cf. Dt 30,15-18). De sua parte, Deus é sempre fiel à aliança firmada com o povo. O povo, através de seus líderes, porém, cai muitas vezes em situações de pecado e abandona a aliança com seu Deus (cf. Ex 3,7-12).

A saída do Povo Hebreu da escravidão do Egito, e seu êxodo em direção à Terra Prometida, representam os sonhos e buscas de todo ser humano desde a criação, por liberdade e justiça. Liberdade em poder escolher e traçar seu próprio caminho e viver segundo suas escolhas, justiça para que seus direitos possam ser reconhecidos e respeitados e não impedidos pela ação ou coação de outrem. Criado à imagem e semelhança de Deus desde o princípio, o ser humano passou a existir na liberdade, ou seja, para uma vida de felicidade plena na presença de Deus. A felicidade do homem sempre foi o sonho e o projeto de Deus (cf. Gn 1,26-31).

Com efeito, a Bíblia fala de um Deus santo, isto é, infinitamente superior à criação e, ao mesmo tempo, fala de um homem imagem e semelhança desse Deus. Tal parentesco misterioso entre o Espírito infinito e um espírito finito possibilita, segundo a Bíblia, um pacto, uma aliança entre eles. A Aliança, portanto, é o elo do homem não com os deuses, mas com a própria Origem transcendente que existe acima do cosmo. (MIEN, 1998, p. 23)

Por livre escolha, o homem afastou-se de Deus pelo pecado, tornando-se escravo dos males oriundos desta escolha e colheu o fruto amargo da morte (cf. Gn 3,6-7). O êxodo dos hebreus mostra que Deus está sempre do lado do ser humano,

quando ele busca a liberdade e a justiça. O êxodo é um prenúncio da libertação e justiça plena que será realizada por Jesus Cristo, quando Deus mesmo assume nossa humanidade para traçar conosco o caminho de retorno a Deus: “É para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão.” (Gl 5,1). Esse Deus libertador e justo, ao longo do caminho convida o ser humano a permanecer na sua presença, deixando de lado todo mal e aderindo ao seu projeto que leva a prática do bem e da justiça. Somente unido ao seu Criador, o ser humano será efetivamente livre.

Grande és tu, Senhor, e sumamente louvável: grande a tua força, e a tua sabedoria não têm limite. E quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação; o homem carregado com sua condição mortal, carregado com o testemunho de seu pecado e com o testemunho de que resistes aos soberbos, e, mesmo assim, quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação. Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti. (AGOSTINHO, 2016, p. 15)

Mesmo em suas dificuldades o ser humano procura por seu Criador e sua vida anseia em estar com Ele. O êxodo dos hebreus mostra que o sim humano deve ser sempre renovado, pois ao longo do caminho as infidelidades nos levam a trair a aliança firmada e nos levam a prática da injustiça. Todavia, Deus, sempre fiel, continua aberto ao retorno do homem, como o pastor que cura as feridas da ovelha machucada ou como o pai que aguarda ansioso o retorno à casa do filho pródigo.

2.2 O DECÁLOGO, CAMINHO QUE APONTA PARA A VIVÊNCIA PRÁTICA DA VERDADEIRA JUSTIÇA

O Código da Aliança (Êxodo capítulos 19-24) mostra o caminho prático, no qual os hebreus e também todo ser humano pode caminhar na presença de Deus, na liberdade e na prática da justiça. O decálogo coloca as orientações necessárias para um verdadeiro relacionamento de vida, liberdade, justiça e felicidade, com Deus e com o próximo (cf. Ex 20,1-17; Dt 7,11-14).

O Decálogo privilegia a vida, propondo-a como valor ímpar. De fato, alguns estudos recentes afirmam que o eixo das Dez Palavras é o versículo 13: “Não matarás”. A vida, portanto, é o núcleo da constituição do povo de Deus. Ao preservar ou promover a vida, Israel está sendo fiel ao Deus da Aliança que o libertou da escravidão do Egito. (BORTOLINI, 2008, p.305)

Para a organização da vida do Povo e a prática da verdadeira justiça, leis e normas regulam as diversas práticas da vida. O decálogo colocado na perspectiva da verdadeira justiça coloca o ser humano em perfeita e amorosa sintonia com Deus e

com os irmãos. O Catecismo da Igreja Católica (CIC) em seu número 2067 diz: “Os dez mandamentos enunciam as exigências do amor de Deus e do próximo. Os três primeiros se referem mais ao amor de Deus, e os outros sete ao amor ao próximo” (1993, p. 475).

Deus pronunciou todas estas palavras dizendo: “Eu sou Iahweh teu Deus que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás, porque eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento, que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e a quarta geração dos que me odeiam, mas que também ajo com amor até a milésima geração para com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos. Não pronunciarás em falso o nome de Iahweh teu Deus, porque Iahweh não deixará impune aquele que pronunciar em falso o seu nome. Lembra-te do dia do sábado para santificá-lo. Trabalharás durante seis dias, e farás a tua obra. O sétimo dia, porém, é o sábado de Iahweh teu Deus. Não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem tua escrava, nem teu animal, nem o estrangeiro que está em tuas portas. Porque em seis dias Iahweh fez o céu, a terra, o mar e tudo que eles contêm, mais repousou no sétimo dia; por isso Iahweh abençoou o dia do sábado e o consagrou. Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que Iahweh teu Deus te dá. Não matarás. Não cometerás adultério. Não roubarás. Não apresentarás um testemunho mentiroso contra o teu próximo. Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher de teu próximo, nem o seu escravo, nem sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo.” (Ex 20,1-17)

Como cumprimento perfeito da lei, Jesus Cristo resumiu o decálogo em dois mandamentos: Amor a Deus e amor ao próximo. Aperfeiçoou-os ainda quando disse: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros.” (Jo 13,34). A partir daí não basta apenas amar ao próximo, mais o amor deve ser na medida do amor de Jesus Cristo por nós, ou seja, até as últimas consequências. Jesus resume toda a lei e os profetas através da vivência do mandamento do amor. O amor é o cumprimento perfeito da lei. Só através do amor é possível realizar plenamente toda a justiça. Santo Ireneu de Lião, padre da Igreja que viveu no século II d.C. nos fala dessa evolução do decálogo e seu perfeito cumprimento em Jesus Cristo através do amor/justiça:

Prescreveu ainda o amor a Deus e ensinou a justiça para com o próximo, para que o homem não fosse injusto nem indigno de Deus. Preparava-o assim pelo decálogo para sua amizade e a concórdia com o próximo: tais coisas eram proveitosas para o próprio homem e Deus nada mais solicitava dele. Preparando o homem para esta vida, o Senhor proclamou por si mesmo as palavras do decálogo para todos sem distinção; por isso elas permanecem entre nós, tendo sido completadas e aumentadas, e não abolidas, por sua vinda na carne. (2009, pp. 412-413).

Ao se fazer homem, na pessoa de seu filho Jesus Cristo, Deus se fez solidário à causa do ser humano. Jesus viveu plenamente a prática da justiça do Pai, através da vivência perfeita do amor. Em sua homilia no Natal de 2013 o Papa Francisco disse: “Em Jesus manifestou-se a graça, a misericórdia, a ternura do Pai: Jesus é o Amor feito carne”. Sentindo as dores humanas, o abandono, a incompreensão, as perseguições e tantas outras situações que são fruto das injustiças e do afastamento do homem do projeto de Deus, Jesus simplesmente amou. E seu amor foi de tamanha profundidade que culminou no sacrifício da cruz. Entrega perfeita para a realização da plena justiça (cf. Ef 2,6-11). Em Jesus Cristo Deus se abaixa à condição humana para elevar o homem à intimidade divina.

2.3 OS PROFETAS, ARAUTOS QUE ALERTAM SOBRE O AFASTAMENTO DA JUSTIÇA

Ao longo da caminhada, por muitas e muitas vezes, o Povo de Deus abandonou a prática da justiça, ignorou a aliança e o decálogo e mergulhou em situações de idolatria e de pecado (cf. Dt 9,12-13). A origem do afastamento é diversa, mais na maioria das vezes foi causada por falsos líderes que usaram da autoridade e do poder a eles concedida pelo próprio Deus a fim de guiar e cuidar do povo, para satisfação de seus projetos próprios de poder e dominação (cf. 2Sm 11, 2-27; 1Rs 16,29-34). A exploração do povo, a busca desenfreada de riquezas e poder, o estabelecimento de grupos que buscam beneficiar apenas seus membros em detrimento do todo, as diversas injustiças praticadas levam o povo ao sofrimento e a morte. Neste contexto, surgem os profetas. Homens que agem na história do povo como verdadeiros arautos de Deus (cf. Mq 6,5). Denunciam as injustiças, anunciam o castigo advindo das escolhas erradas, exortam à mudança e à volta da verdadeira Aliança com Deus, anunciam a esperança e a vida nova que só pode acontecer a partir do retorno da caminhada com Deus e adesão ao seu projeto de vida e justiça (cf. Is 41,2). São homens que falam e anunciam o próprio Deus e não a si mesmo. O profeta enxerga a realidade do tempo presente, analisa a mesma à luz do projeto de justiça de Deus e anuncia as consequências dos desvios por parte do povo e seus líderes. Possuem o pé firme na realidade presente, vislumbrado o futuro como consequência das boas ou más opções feitas pelo povo.

Sobre os dois troncos de Israel dividido vigiavam homens novos e extraordinários, os Profetas, dos quais o mundo – para usar as palavras de Hb 11,33-38 – não era digno. Arautos de Deus e das exigências radicais do

seu Pacto, os Profetas são “agarrados” por Deus e por Deus enviados a Israel a fim de pô-lo em guarda contra a ruptura do Pacto, para ameaçá-lo e propor-lhe um “*ultimatum*”. À luz da história passada eles interpretam o presente, o hoje de sua história. Como a sentinela de Isaías (cf. Is 21,11-12), o profeta tem a tarefa de anunciar a noite profunda (o juízo), mas também os primeiros albos da aurora (a salvação). O Pacto pode ser rompido por Israel, mas a promessa de Deus permanece porque é indefectível. O olhar do profeta enxerga longe no futuro da salvação, até a salvação messiânica. (MANNUCCI, 2008, p.79)

A vocação do profeta nasce a partir de sua disponibilidade em dizer sim ao chamado de Deus para a missão de anunciar sua justiça e denunciar as injustiças e infidelidades do povo (cf. Is 1,2-9). Saído do meio do povo, o profeta une sua vida a Deus, sua missão é de levar a mensagem do próprio Deus ao povo (Cf. Jr 1,9-10). As mensagens vão sempre lembrar o povo sua infidelidade à Aliança feita com Deus e as consequências oriundas dela. Através de exortações, denúncias e até ameaças, o profeta vai apontando para o povo qual o verdadeiro caminho e qual a verdadeira justiça. Nem sempre será bem visto ou acolhido, pois coloca o dedo nas feridas das injustiças e escancara as mazelas dos poderosos. Reconhecendo suas próprias fraquezas e pecados, coloca sua confiança naquele que é fonte e origem de um projeto de vida em plenitude, que é Justo, Santo e Fiel. O profeta sabe que sua missão provém do próprio Deus, por isso abandona-se aos seus cuidados e se faz disponível para anunciar sua mensagem (cf. Is 6,5-9).

O profeta, com o olhar voltado para seu tempo e história, busca mostrar que seu relacionamento com Deus deve acontecer pela prática da verdadeira justiça, essa se dá no relacionamento fiel com o próprio Deus e no cuidado com o próximo. As denúncias do profeta são sempre no âmbito do afastamento da verdadeira justiça. Ele se coloca entre Deus e o povo e através de sua missão vai apontar o caminho do encontro entre o homem e Deus.

O profeta é um mediador entre Deus e seu povo. Ele continua a história das mediações humanas através das quais Deus guiou seu povo, a partir de Moisés, o mediador por excelência. Este aspecto da função profética coloca o profeta numa linha de continuidade com o período mais antigo da vida de Israel, como povo de Deus. (BONARA, 1983, p. 77).

Em Jesus Cristo, a missão profética encontra pleno cumprimento. Sua vida e missão se constituem em denunciar as injustiças que oprimem e escravizam o povo. Aponta os responsáveis pelo sofrimento (cf. Mc 12,38-40), afirma que a lei deve ser levada à plena perfeição pela prática da verdadeira justiça, e que essa perfeição só se dá pela vivência plena do amor (cf. Mt 5,20-48). Toca no sofrimento dos humildes e se faz solidário com a causa dos marginalizados a ponto de ser expulso das

idades e ir morar no deserto entre os excluídos (cf. Mc 1,40-45). Assim como todos os profetas, sua fidelidade ao projeto de vida e felicidade para todos, sonhado pelo Pai desde o princípio, lhe custou perseguições, traição e condenação (cf. Lc 22,1-5). Também, como os profetas, mesmo incompreendido, abandonado e perseguido, mantém-se fiel a Deus até as últimas consequências (cf. Lc 22,41-44).

O povo da bíblia, sempre teve a certeza de ser conduzido por Deus em todas as circunstâncias. É uma sociedade teocrática. A Aliança e o decálogo são a “mola-mestra” que movem o ser e o agir do povo, tanto individual como comunitariamente. Os acontecimentos que se sucedem ao longo de sua história (paz, fartura, saúde, enfermidades, pestes, catástrofes, guerras, fome, exílio, etc.) são vistos como prêmio ou castigo de Deus em vista da conduta do povo quanto à sua fidelidade ou infidelidade à Aliança. Vive-se sob o legalismo do código da aliança. Deus é aquele que concede graças ou castigos e a prática da lei se faz necessária para evitar a fúria de Deus.

Quando tiverdes gerado filhos e netos, e fordes velhos na terra, e voscorromperdes, fazendo uma imagem esculpida qualquer, praticando o que é mau aos olhos de Iahweh teu Deus, de modo a irritá-lo, eu tomo hoje o céu e a terra como testemunhas contra vós: sereis depressa e completamente exterminados da face da terra da qual ides tomar posse ao atravessardes o Jordão. Não prolongareis vossos dias sobre ela, sereis completamente aniquilados. (Dt 4,25-26)

Por conta das diversas infidelidades e injustiças praticadas, o povo perde aquilo que lhes é mais caro, a liberdade. Levados cativos para o estrangeiro, ali vão se submeter à escravidão e a leis estranhas. Sentem-se abandonados por Deus e nestas condições percebem-se como mortos. São ossos ressequidos e abandonados, dos quais não se percebe nenhum sinal de vida (cf. Ez 37,1-2). O coração do povo, no entanto, acalenta sempre a esperança de vida e libertação. Assim como na saída da escravidão do Egito, guiados por Deus através de Moisés, sonham com novos tempos messiânicos, com uma vida nova que só pode ser concedida por Deus mesmo (cf. Ez 37,3-14). Essa nova vida e essa plenitude messiânica se concretizarão em Jesus Cristo, que com sua vida e missão estabelecerá o novo Reino de Deus, onde a justiça plena e a vida para todos efetivamente acontecem (cf. Mt 11,2-6).

2.4 JESUS E A JUSTIÇA NOS EVANGELHOS

Ao percorrermos o Evangelho segundo Marcos vamos perceber que seus escritos têm como objetivo principal nos revelar quem é Jesus de Nazaré. Para Marcos Jesus de Nazaré crucificado e ressuscitado é o Filho de Deus. Sendo Filho de Deus, se fez servo para realizar plenamente o projeto de amor e vida desejado pelo Pai desde o início dos séculos. Sua missão foi desenvolvida na obediência e perfeita sintonia com o Pai e no serviço aos irmãos até as últimas consequências, pela força e ação do Espírito Santo. O início da narrativa nos deixa claro o objetivo:

Princípio do Evangelho de Jesus Cristo Filho de Deus. Conforme está escrito no profeta Isaías: “Eis que eu envio o meu mensageiro diante de ti a fim de preparar o teu caminho; voz do que clama no deserto; preparai o caminho do Senhor, tornai retas suas veredas” (Mc 1,1-3).

No início a palavra evangelho era originalmente usada para designar ou descrever boas novas, normalmente tratando-se de uma vitória militar ou algo parecido. No tempo da comunidade de Marcos, o “Evangelho” ou “boa-nova” era o próprio imperador, cuja presença tinha o significado de Boa Nova ao Povo.

Eram tempos de expectativas. Esperava-se a famosa “Idade de Ouro”, os poetas latinos falavam do imperador como aquele que mudaria a sorte da humanidade. Havia se formado o mito da famosa *Pax Romana*. César Augusto era tratado como o “Salvador”, o “Restaurador do mundo”, o “Deus Presente” e como tal lhe rendiam culto. (BRAVO, 1996, p.12).

O Evangelista mostra então em sua obra que a verdadeira “Boa Nova” é Jesus Cristo, ele é o Filho de Deus que assume a nossa humanidade e traz uma nova centelha de esperança a todos os que sofrem as injustiças de um sistema explorador, excludente e gerador de morte (cf. Mc 1,1-3). A Boa Notícia é: Em Jesus Cristo Deus está no meio do seu povo não como um imperador que impõe a manutenção de seu sistema de exploração e dominação pelas forças das armas, mais como aquele que vem transmitir uma mensagem de esperança e de vida e para se opor a todos os meios de escravidão, exploração e morte. Ele vem restabelecer a verdadeira justiça a partir do servir.

Assim fala o Senhor: “Eis o meu servo – eu o recebo; eis o meu eleito – nele se compraz minh’alma; pus meu espírito sobre ele, ele promoverá o julgamento das nações. Ele não clama nem levanta a voz, nem se faz ouvir pelas ruas. Não quebra a cana rachada nem apaga um pavio que ainda fumega; mas promoverá a julgamento para obter a verdade. Não esmorecerá nem se deixará abater, enquanto não estabelecer a justiça na terra; os países distantes esperam seus ensinamentos. Eu, o Senhor, te chamei para a justiça e te tomei pela mão; eu te formei e te constitui como o centro de aliança do povo, luz das nações, para abrides os olhos dos cegos, tirar os cativos da prisão, livrar do cárcere os que vivem nas trevas. (Is 42,1-4,6-7)

No primeiro cântico do Servo de Javé em Isaías, Jesus realiza no Novo Testamento o perfil do Servo Misterioso de Javé, que age a partir do serviço, da implantação da justiça e da manutenção da esperança. Diferentemente dos poderosos, não rompe pela força nem se impõe pela violência mais trabalha pela paz.

O canto do servo crê ser possível reformular a humanidade toda. O próprio servo está na origem de uma espécie de nova criação: “Eu, o Senhor, te chamei com justiça e te peguei pela mão; formei-te e te destinei” (v. 6a). Diante disso a gente se pergunta: Quem é esse servo? Os primeiros cristãos viram nele um anúncio de Jesus. (BORTOLINI, 2008, p.292)

Mais quem é mesmo na realidade esse Jesus Cristo Filho de Deus? Ele é aquele que sendo Deus e estando junto do Pai desde o princípio e participando de toda a obra da criação (cf. Jo 1,1-3) assume a nossa condição humana em tudo menos no pecado para revelar e realizar na força do Espírito Santo, o projeto de vida e justiça sonhado pelo Pai desde o princípio da criação.

Naquele tempo João Batista pregava dizendo: “Depois de mim virá alguém mais forte do que eu. Eu nem sou digno de me abaixar para desamarrar suas sandálias. Eu vos batizei com água, mas ele vos batizará com o Espírito Santo”. Naqueles dias, Jesus veio de Nazaré da Galiléia, e foi batizado por João no rio Jordão. E logo, ao sair da água, viu o céu se abrindo e o Espírito, como pomba, descer sobre ele. E do céu veio uma voz: “Tu és meu Filho amado, em ti ponho meu bem querer” (Mc 1,7-11).

Os diversos elementos e personagens desta curta narrativa do Batismo de Jesus dão testemunho de quem ele é, qual a sua missão e como ele a desempenhará: O Batista reconhece quem é Jesus e qual sua função dentro da própria missão de Jesus. “Eu batizo com água...”, ou seja, o batismo de João é para a conversão dos pecados, é preparatório para a vivência da vida nova. Ao passo que Jesus é o mais forte, é o próprio Deus, é o Senhor: “Eu nem sou digno de desamarrar suas sandálias.” (Mc 1,7). Esse gesto/serviço de desamarrar as sandálias era desempenhado pelo servo quando o patrão/senhor retornava da rua ou do trabalho. João Batista se reconhece o servo pequeno diante da grandeza daquele que vem. Porém mantém-se fiel à sua missão de precursor, preparando o caminho. João Batista é a figura do verdadeiro profeta, que não fala de si nem age por si mesmo, mais fala de Deus e age em benefício do projeto de Deus (cf. Mc 1,6-8).

João conhece e respeita seu lugar e função, sem atropelar os acontecimentos e sem usurpar as prerrogativas daquele que está para vir. Em segundo lugar, a menção do forte recorda os feitos de Javé no passado da história do povo de Deus. Em suas festas, o povo do Antigo Testamento celebrava a força de Javé, intimamente associada a seus atos libertadores (cf. Sl 24,8). Javé é celebrado como herói vitorioso, atuando seu projeto de liberdade e vida em favor do povo que sofre. Agora, às portas do Novo

Testamento, Jesus resume a força de Javé libertador. Isso faz pensar nos conflitos, aqui apenas esboçados, que Jesus irá enfrentar. Desde já ele é apresentado como vencedor dos sistemas injustos que conservam o povo em estado de submissão e morte. (BORTOLINI, 1997, p. 331)

Assim como no princípio, Deus por seu Espírito organizou o caos e deu início à criação do céu e da terra, também por seu Espírito criou o ser humano dando-lhe vida (cf. Gn 1,1-3; 2,7), Jesus é Deus mesmo, que novamente na ação do seu Espírito torna a criar a humanidade que por conta do pecado mergulhara no caos da escuridão e da morte. Jesus batiza na força do Espírito por isso dá nova vida à humanidade. A Igreja, no Código de Direito Canônico (CDC) em seu cânon 849, assim define o sacramento do batismo:

O Batismo, porta dos sacramentos, em realidade ou ao menos em desejo necessário para a salvação, pelo qual os homens se libertam dos pecados, são de novo gerados como filhos de Deus e se incorporam à Igreja, configurados com Cristo por caráter indelével. (2007, p. 228)

Em Jesus Cristo o ser humano nasce de novo, recobra a dignidade inicial de imagem e semelhança de Deus e pela “adoção filial” se torna também filho de Deus. No Filho nós nos tornamos filhos. O modo como Jesus batiza no Espírito Santo bem como seu significado vão se tornando claros a partir da prática cotidiana de Jesus.

Se, no início, o Espírito pairava sobre as águas, produzindo ordem em meio ao caos, agora a presença do Espírito em Jesus criará ordem em todos (as) aqueles (as) que a ele aderirem. Em meio ao caos que, em muitos momentos, se apresenta na vida, é necessária a presença do único princípio capaz de anular sua força ameaçadora, produtora de destruição: trata-se do princípio da criação a partir de cada vida! Desse momento em diante, a missão do Filho é a mesma missão do Pai. (ROSSI, 2019, s/p)

Como dito nos evangelhos, João batizava com água para a remissão dos pecados. Aqueles que iam ao seu encontro no deserto eram depois batizados por ele no Jordão. O sentido teológico desses fatos é profundo. Para o judeu o deserto é o lugar do encontro (cf. Ex 15,22-27). Encontro consigo mesmo, com sua história, com seus medos e com o próprio Deus. Lembremos que foi numa sarça ardente no deserto que Deus chamou Moisés e o incumbiu da missão libertadora de seu povo (cf. Ex 3,5). Também foi no deserto que o povo perambulou por quarenta anos até se desvencilhar de todas as amarras de um passado de escravidão para poder então entrar na terra prometida. O deserto faz o povo lembrar o longo período de provações e tentações, de despojamento e de cura durante o qual foram se formando como Povo de Deus (cf. Dt 2,1-7). Por isso o encontro com João Batista no deserto tem esse sinal de transformação na vida do povo que espera entrar numa

vida nova, pois as falsas promessas dos governantes e dos dominadores, a lei, a *Pax Romana*, geram apenas sofrimentos. São mentiras que não satisfazem os anseios de vida e liberdade. Também o rio Jordão onde eram batizados tem significado especial. Foi através de sua travessia que o povo entrou na terra prometida, deixando para trás toda uma história de sofrimento e morte (cf. Js 1,1-3). Portanto os gestos de João Batista lembravam ao povo a importância de se deixar tudo que simboliza sofrimento e morte para se abrir a uma nova vida.

Podemos imaginar a impressão extraordinária que a figura e a mensagem de João Batista deviam provocar na efervescente atmosfera de Jerusalém daquela época. Finalmente estava ali um profeta, cuja própria vida o identificava como tal. Finalmente se anuncia de novo a ação de Deus na história. João batiza com água, mas o “maior”, aquele que batizará no Espírito Santo e com o fogo, já se encontra à porta. (BENTO XVI, 2007, p. 31)

A Galileia era a periferia. Nela habitavam os marginalizados, os pobres, os pecadores, o povo sofrido. Estava longe do centro do poder. Jesus vem da periferia, do meio do povo. Vem de onde surge o clamor por vida nova (cf. Mc 1,14-15). O gesto de Jesus em se deixar batizar por João demonstra a grande solidariedade de Deus com a humanidade, pois nos assume em tudo. Como diz o apóstolo Paulo: “Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por nós, a fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus” (2Cor 5, 21). Os anseios do povo gritam forte aos ouvidos de Deus como outrora no Egito e Deus se faz presente não apenas para ouvir, mais para compartilhar esses anseios e transformar realidades.

“Faz com que ressurgam nossos chefes como no passado, e sê tu o rei de todos nós Senhor!” era a oração de muitos judeus. “E brotará um ramo do tronco de Jessé... sobre o qual repousará o espírito de Javé... “Não julgará o que for visto pelos olhos, nem ouvido pelos ouvidos, mas sim julgará com justiça o pobre e com equidade os humildes da terra”. Essas expectativas de um novo modo eram expressas através de belas figuras poéticas: “Conviverá o lobo com o cordeiro e o leopardo descansará junto com a ovelha, e juntos comerão o bezerro e o leão, e um pequeno garoto irá pastoreá-los. A vaca pastará com a urso e os filhotes de ambos se deitarão juntos, leão e boi comerão palha”. Trata-se de um mundo feito na medida certa para os pobres, os humildes, não de acordo com os interesses dos poderosos. Somente o lobo que renunciasse comer o cordeiro entraria neste novo mundo. (BRAVO, 1996, p. 13-14)

Jesus vem do meio dos marginalizados e sofridos, fazendo brotar no coração do povo um novo alento de esperança por um tempo de justiça. Um tempo onde todos tenham vida e a tenham em abundância (cf. Jo 10,10).

O Evangelista Mateus confirma a realeza de Jesus como descendente de Davi em sua natureza humana e também sua missão como o Messias (cf. Mt 1,1), deixando claro seu comprometimento com a prática da verdadeira justiça. A

narrativa da genealogia de Jesus segundo Mateus carrega o comprometimento com os excluídos, os pobres, os sofredores e marginalizados. Percebemos isso quando lá são citados os nomes de algumas mulheres, coisa impensável no tempo de Jesus, quando as genealogias eram sempre feitas de maneira patriarcal. Além do mais, são mulheres injustiçadas, exploradas, humilhadas, mais que lutaram e se opuseram à opressão e por isso foram recompensadas. Foram mulheres que buscaram a justiça na árdua luta do dia a dia de suas vidas: Tamar (cf. Mt 1,3), viúva do filho de Judá, desprezada e tendo seus direitos negados, passou-se por prostituta e engravidou do próprio Judá para garantir seus direitos e vencer a injustiça sofrida; Raab (cf. Mt 1,5a), para enfrentar a pobreza e as injustiças abriu uma casa de prostituição, porém era sempre sensível aos sofredores e acolheu em sua casa os enviados de Josué; Rute a moabita (cf. Mt 1,5b) foi desposada por Booz que se encantou com sua beleza mais também com a solidariedade e cuidados que a mesma dispensava à sua sogra viúva. Seu casamento rompeu a discriminação das leis racistas que proibia o casamento com mulheres estrangeiras; Betsabéia a mulher de Urias (cf. Mt 1,6) teve que satisfazer os prazeres de Davi que ao se encantar com sua beleza usou seu poder real para possuí-la; Maria a Mãe de Jesus (cf. Mt 1,16) com certeza passou por injúrias, calúnias e difamações quando de sua gravidez. Ainda na origem de Jesus Cristo podemos ver também José, que comprometido com a verdadeira justiça toma Maria por esposa segundo a ordem do próprio Deus, assume a paternidade do menino dando-lhe o nome de Jesus que significa “Deus salva” (cf. Mt 1,18-25). Jesus realiza plenamente em sua vida e missão, a plena justiça buscada e almejada também por aqueles que o precederam. Sua primeira fala no Evangelho de Mateus dá o tom de sua vida dedicada ao cumprimento da justiça: “Deixa estar por enquanto, pois assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3,15). Sua opção pelos pobres, sua defesa dos marginalizados, seu cuidado com os enfermos, sua denúncia das injustiças plenifica a vida e a luta daqueles e daquelas que estão na base de sua genealogia humana mais também de tantos outros homens e mulheres que lutam por liberdade, justiça e vida plena.

Jesus nunca deu a si mesmo o título de filho de Davi. Aceitou ser chamado assim, dando-lhe, porém um novo sentido. Aceitou porque somente um descendente de Davi, segundo as tradições antigas, poderia ser o Messias. Mas no tempo de Jesus esse era um título perigoso e mal interpretado. Muitos, de fato, esperavam um filho de Davi que viesse para dar uma espécie de golpe militar e restaurar a realeza em Israel, uma realeza política, nacionalista e racista. Certa vez Jesus, numa forte discussão com os fariseus (cf. Mt22, 41-46), servindo-se do Salmo 110,1, demonstrou ser

muito mais que Davi. Jesus, filho de Davi, veio para libertar seu povo, mas de outra maneira e com outros meios. (MOSCONI, 1999, p. 55-56)

Jesus, o filho de Davi veio estabelecer o Reino de Deus fundamentado na justiça e na vida plena. Seus ensinamentos e sua prática de vida demonstram isso. Aliás, sua vida é a plenitude de seus ensinamentos. Os discursos de Jesus no evangelho de Mateus (da montanha, missionário, em parábolas, sobre a vida em comunidade, sobre os últimos tempos), apresentam a dinâmica do Reino. Aprendemos que a vivência das bem-aventuranças é o cumprimento perfeito da lei através do amor (cf. Mt 5,1-12), que a missão do discípulo é fazer chegar ao mundo o conhecimento da plena justiça através da prática desta mesma justiça (cf. Mt 5,13-16), que a lei não deve ser abolida mais aperfeiçoada, deve preservar o amor a Deus e ao próximo gerando vida plena e verdadeira justiça e que isso só é possível através da vivência do amor colocado sempre em benefício do outro (cf. Mt5,17-48). Portanto aqueles que crêem em Jesus Cristo e se fazem seus discípulos devem aderir plenamente à prática da justiça como ele faz. Ele não prega uma ideologia ou uma filosofia de vida, prega a construção da vida plena através da prática do amor. O discípulo verdadeiro é aquele que presta obediência a Deus e serviço aos irmãos no cotidiano da vida. Constrói a própria vida na vivência do amor, moldando-a a vontade de Deus tendo o próprio Jesus Cristo como fundamento (cf. Mt 7,21-28). A Igreja de Cristo, formada por seus discípulos missionários e tendo o próprio Cristo como cabeça, age no mundo para que o Reino de Deus por ele anunciado aconteça em sua plenitude.

A Igreja, enquanto ela mesma ajuda o mundo e dele recebe muitas coisas, tende a um só fim: que venha o Reino de Deus e seja instaurada a salvação de toda a humanidade. Todo o bem que o Povo de Deus, no tempo de sua peregrinação terrestre, pode prestar à família dos homens, deriva de fato de ser a Igreja “o sacramento universal da salvação”, manifestando e ao mesmo tempo operando o mistério de amor de Deus para com o homem. Pois o Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, Ele próprio se encarnou, de tal modo que, como Homem perfeito, salvasse todos os homens e recapitulasse todas as coisas. (GS, 1969, p.193)

A Igreja anuncia Jesus Cristo, Verbo encarnado de Deus, que ao assumir nossa humanidade o fez com o intuito de restaurar a prática do bem e da justiça, resgatar a dignidade dos explorados e implantar o Reino de Deus através da vida plena para todos. A denúncia das injustiças e das desigualdades o levou a ser condenado. Como o Servo Sofredor, carregou nossos erros e os pagou na cruz com sua morte. Mais a morte não teve a última palavra, pois com sua ressurreição ele declarou definitivamente a vitória da vida. Vida essa que deve ser cuidada e preservada

através da prática da justiça e da vivência do amor (cf. At 2,14-36). A continuação da obra de justiça e amor anunciada e vivida por Jesus Cristo deve continuar na vida de seus discípulos que devem levar toda a humanidade ao conhecimento do amor a prática da justiça através da adesão ao próprio Jesus Cristo (cf. Mt 28,16-20).

O Evangelista Lucas nos apresenta Jesus que desenvolve sua missão em perfeita sintonia com o Pai que é fonte e origem de todo o projeto de salvação. Também liga toda a história da salvação com o ápice da vinda de Jesus Cristo quando insere sua vinda no tempo e na história mostrando também o profeta João Batista como aquele que prepara a chegada do salvador prometido (cf. Lc 3,1-19). A oração é o meio de contato mais íntimo entre Jesus e o Pai. As ações de Jesus culminam sempre com um tempo de afastamento e oração para se colocar na presença do Pai. Essa perfeita intimidade nos mostra que sua missão de vida é praticar a verdadeira justiça que vem do Pai (cf. Lc 5,12-15). Em Lucas, o projeto de vida em plenitude e o Reino de Deus acontecem no “hoje” de Jesus, que é também o tempo de salvação. A salvação acontece na plena justiça de um Deus que está sempre presente na história da humanidade (cf. Lc 2,10-13; 19,5-7; 23,42-43). O hoje da salvação e da prática da justiça deve acontecer no caminho da vida, através do encontro com o próprio Cristo e com o irmão (cf. Lc 10,29-37; 24,13-35).

Pouco depois da narração da criação do mundo e do ser humano, a Bíblia propõe o desafio das relações entre nós. Caim elimina o seu irmão Abel, e ressoa a pergunta de Deus: «Onde está Abel, teu irmão?». A resposta é a mesma que damos nós muitas vezes: «Sou, porventura, guarda do meu irmão?» (Gn 4, 9). Com a sua pergunta, Deus coloca em questão todo o tipo de determinismo ou fatalismo que pretenda justificar como única resposta possível a indiferença. E, ao invés, habilita-nos a criar uma cultura diferente, que nos conduza a superar as inimizades e cuidar uns dos outros (FRANCISCO, 2020, § 57).

Como os discípulos de Emaús e como o Bom samaritano, cada cristão, ao fazer-se discípulo de Jesus Cristo, é chamado a descobrir sua presença no hoje da vida, através do encontro com ele mesmo na pessoa dos marginalizados e excluídos da atualidade. São muitos que se encontram caídos à beira do caminho, vítimas de tantos males e injustiças. Podem ser encontrados nos que são discriminados pela cor da pele, religião, classe social, nas mulheres agredidas, etc. A verdadeira justiça acontece quando existe a solidariedade à causa dos marginalizados e na promoção da vida em plenitude para todos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deus é fonte e origem de um projeto de vida e felicidade para o ser humano. O sonho de Deus é a felicidade humana. Criados à sua imagem e semelhança e dotados do livre arbítrio, o ser humano escolheu no princípio, o afastamento de Deus, o que se deu pelo pecado da desobediência ou fechamento ao projeto de Deus (cf. Gn 3, 1-19). O afastamento de Deus o levou a situações de sofrimento, injustiças e a morte entraram em sua história. Deus, no entanto, continuou a propor um retorno à vida em sua presença, e na plenitude dos tempos nos enviou seu próprio Filho como o Caminho a ser trilhado neste retorno (cf. Gl 4,4-7). Para se falar de justiça e vida plena em todos os tempos, há que se falar de Jesus Cristo, pois em sua vida e missão ele realizou todo o projeto de vida e felicidade que o Pai sonhou para a humanidade desde a criação do mundo. Para isso enfrentou as resistências de todos os projetos que se opõe à vida. Defendeu os humilhados, curou os doentes, denunciou as injustiças, caminhou com os sofredores e acolheu os pecadores, mostrando-lhes o caminho de retorno ao Pai. Incompreendido, foi perseguido, preso, crucificado e morto. No entanto ressuscitou ao terceiro dia como vencedor do maior inimigo da humanidade, a morte. Dando-nos a certeza de que unidos a ele também nós um dia ressuscitaremos. Esse é o verdadeiro sentido de nossa vida e de nossa fé. A certeza da ressurreição (cf. 1Cor 15, 16-28). Por isso a vida plena só é possível em Cristo Jesus Nosso Senhor. O cristão, como seu discípulo missionário deve continuar sua missão, fazê-lo conhecido e amado para que a justiça verdadeira prevaleça até que ele venha. “Anunciamos Senhor a vossa morte e proclamamos vossa Ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!”. *Maranathá!*

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2016.

BENTO XVI, Papa. 1927-. **Jesus de Nazaré: primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração** / Joseph Ratzinger; tradução José Jacinto Ferreira de Farias. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2006.

BONARA, Antonio. **Amós, o profeta da justiça**. 2ª edição. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

BORTOLINI, José. **Roteiros Homiléticos Anos A, B, C, Festas e Solenidades**. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

BRAVO, Carlos Gallardo. **Galiléia Ano 30 – para ler o Evangelho de Marcos**: São Paulo: Ed. Paulinas, 1996.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). 6ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.

CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. **Bíblia Introdução Teológica e História de Israel**. Curitiba: Intersaberes, 2018. (Série Princípios de Teologia Católica).

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (CDC). 7ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Petrópolis: Editora Vozes, 1969.

FRANCISCO, Papa. Carta **Encíclica Fratelli Tutti Sobre a Fraternidade e a Amizade Social**. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

IRENEU, Santo. **Contra as Heresias: Denúncia e refutação da falsa gnose**. 3ª edição. São Paulo: Editora Paulus, 2009. (Coleção Patrística)

MANNUCCI, Valério, 1932-. **Bíblia, Palavra de Deus; Curso de Introdução à Sagrada Escritura**. 4ª edição. São Paulo: Editora Paulus, 2008

MIEN, Aleksandr, 1935-1990. **Jesus, Mestre de Nazaré: A história que desafiou 2000 anos** [tradução Irami Bezerra da Silva]. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 1998

MOSCONI, Luis. **O Evangelho de Jesus Cristo Segundo Mateus**. 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PELINSKI, Márcio José. **A vocação para o direito e a justiça no primeiro canto do servo de YHWH**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2021. 148 pp. Disponível em: <<https://archivum.grupomarista.org.br/pergamumweb/vinculos/00009a/00009ac5.pdf>>.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Roteiros Homiléticos Batismo do Senhor Revista Vida Pastoral**, 2019.

Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/roteiros/batismo-do-senhor-13-de-janeiro/>. Acesso em: 13/01/2021.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

At – Atos dos Apóstolos

CDC – Código de Direito Canônico

cf. – conforme

CIC – Catecismo da Igreja Católica

d.C. – depois de Cristo

Dt – Deuteronômio

Ef – Efésios

Ex – Êxodo

Ez – Ezequiel

Gl – Gálatas

Gn – Gênesis

Hb – Hebreus

Is - Isaías

Jo – João

Jr – Jeremias

Js – Josué

Lc – Lucas

Mc – Marcos

Mq – Miquéias

Mt – Mateus

Rm - Romanos

Sl – Salmos

1Cor – Primeiro Coríntios

1Rs – Primeiro Reis

2Cor – Segundo Coríntios

2Sm – Segundo Samuel

